



Tecendo saúde com adolescentes e jovens: intervenções educativas a partir do diagnóstico situacional em instituições de ensino médio no município de Ouro Preto/Minas Gerais – Brasil

Weaving health with adolescents and young people: educational interventions based on a situational diagnosis in high school institutions in the municipality of ouro Preto/Minas Gerais - Brazil

Tejiendo salud con adolescentes y jóvenes: intervenciones educativas basadas en un diagnóstico situacional en instituciones de enseñanza media del municipio de Ouro Preto/Minas Gerais - Brasil

DOI: 10.55905/revconv.17n.2-255

Originals received: 01/02/2024

Acceptance for publication: 02/07/2024

Eloisa Helena de Lima

Doutora em Ciências da Saúde

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: eloisalima@ufop.edu.br

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2380-7408>

Ángel Martínez-Hernández

Doutor em Antropologia Social

Instituição: Universidad Rovira i Virgili

Endereço: Catalunha - Espanha

E-mail: angel.martinez@urv.cat

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5122-7075>

Celina Maria Modena

Pós-Doutora em Saúde Coletiva

Instituição: Instituto René Rachou da Fiocruz Minas

Endereço: Belo Horizonte – Minas Gerais, Brasil

E-mail: celina.modena@fiocruz.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7966-9951>

Bianca Cardoso Lopes

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: bianca.cl1@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8619-1749>



Bruna Rezende do Amaral

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: bruna.amaral.1@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8466-9953>

Daniela Fonseca Abdo Rocha

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: daniela.rocha@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4881-9827>

Gustavo Soares Faria

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: gustavo.sf@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7002-5022>

Marina Andrade Barros

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: marina.barros@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-3648-472X>

Marianna Silva Dezebrow Leonelo

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: mariana.dezebrow@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7949-3296>

Nathália Maria Ladeira de Oliveira

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: nathalia.ladeira@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9793-3788>



Renan Lima Vieira

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Ouro Preto – Minas Gerais, Brasil

E-mail: renan.vieira@aluno.ufop.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3023-9201>

RESUMO

A adolescência é marcada como um período de intensas transformações em vários âmbitos da vida, o que pode expor os jovens precocemente a vulnerabilidades individuais, sociais, físicas e mentais. Nesse sentido, a escola torna-se espaço privilegiado para promoção de saúde. O objetivo do presente trabalho foi traçar o perfil de saúde dos jovens em idade escolar da cidade de Ouro Preto-MG e tentar intervir precocemente nos principais fatores de risco. Trata-se de um relato de experiência sobre oficinas educativas em saúde a partir do diagnóstico da situação de saúde com base em um estudo transversal quantitativo seguido de grupos focais, realizado ao longo do ano de 2023 em quatro escolas de Ensino Médio no município de Ouro Preto-MG. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Ouro Preto. Após a estratificação aleatória de 368 alunos, houve a aplicação do instrumento Youth Risk Behavior Survey (YRBS) para análise do perfil de saúde e realização de oficinas voltadas para a reflexão, o diálogo e promoção da saúde. Foram realizadas 8 oficinas educativas e um evento de promoção da saúde pautados nos temas Abuso Sexual, Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Gravidez Precoce, Saúde Mental, Diversidade Sexual e de Gênero e Prevenção ao Racismo. Durante as oficinas e o evento, observou-se participação ativa dos alunos. As discussões permitiram a identificação de necessidades específicas, possibilitando a preparação de intervenções mais direcionadas. Procurou-se sanar as dúvidas mais recorrentes e fortalecer o elo entre pesquisadores e adolescentes, para que estes se sentissem amparados e seguros em compartilhar temas delicados com o grupo de pesquisa. A metodologia utilizada pelo grupo de pesquisa mostrou-se eficaz na abordagem das demandas de saúde dos adolescentes e jovens. Além disso, pôde-se instigar maior protagonismo dos adolescentes frente aos seus projetos de vida e maior fortalecimento e resiliência para enfrentamento das dificuldades.

Palavras-chave: adolescência, ensino médio, promoção de saúde, educação em saúde, atividades educativas, diagnóstico situacional.

ABSTRACT

Adolescence is a period of intense transformation in various areas of life, which can expose young people prematurely to individual, social, physical and mental vulnerabilities. In this sense, the school becomes a privileged space to promote health education. The objective of this study was to draw the health profile of school-age young people in the city of Ouro Preto-MG and try to intervene early in the main risk factors. This is an experience report on health education workshops using a diagnosis of the health situation based on a quantitative cross-sectional study followed by focus groups, carried out over 2023 in four high schools in the city of Ouro Preto-MG. The project was submitted to and approved by the Ethics Committee of the Federal University of. After the random stratification of 368 students, the Youth Risk Behavior Survey (YRBS) was applied to analyze their health profile and to organize workshops focused on reflection, dialogue and health promotion. 8 educational workshops and a health promotion event were held on the themes of Sexual Abuse, Prevention of Sexually Transmitted Infections and



Early Pregnancy, Mental Health, Sexual and Gender Diversity and Prevention of Racism. During the workshops and the event, the students participated actively. The discussions allowed specific needs to be identified, enabling more targeted interventions to be prepared. The objective was to solve the most recurrent doubts and to approach researchers and teenagers, so that they felt supported and safe in sharing sensitive topics with the research group. The methodology used by the research group proved to be effective in addressing the health demands of adolescents and young people. In addition, it was possible to encourage the teenagers to take a more important role in their life projects and to become stronger and more resilient in order to deal with difficulties.

Keywords: adolescence, high school, health promotion, health education, educational activities, evaluation studies as topic.

RESUMEN

La adolescencia es un período de intensa transformación en diversas áreas de la vida, que puede exponer precozmente a los jóvenes a vulnerabilidades individuales, sociales, físicas y mentales. En este sentido, la escuela se convierte en un espacio privilegiado para la promoción de la salud. El objetivo de este estudio fue mapear el perfil de salud de los jóvenes en edad escolar de la ciudad de Ouro Preto, Minas Gerais, e intentar intervenir precozmente en los principales factores de riesgo. Se trata de un informe de experiencia sobre talleres de educación para la salud a partir de un diagnóstico de la situación de salud basado en un estudio cuantitativo transversal seguido de grupos focales, realizado a lo largo de 2023 en cuatro escuelas secundarias del municipio de Ouro Preto-MG. El proyecto fue sometido y aprobado por el Comité de Ética en Investigación (CEP) de la Universidad Federal de Ouro Preto. Tras la estratificación aleatoria de 368 alumnos, se aplicó la Encuesta de Comportamientos de Riesgo de los Jóvenes (YRBS) para analizar su perfil de salud y se organizaron talleres para fomentar la reflexión, el diálogo y la promoción de la salud. Se realizaron ocho talleres educativos y un evento de promoción de la salud sobre los temas de Abuso Sexual, Prevención de Infecciones de Transmisión Sexual (ITS) y Embarazo Precoz, Salud Mental, Diversidad Sexual y de Género y Prevención del Racismo. Durante los talleres y el acto, los alumnos participaron activamente. Los debates permitieron identificar necesidades específicas, lo que permitió preparar intervenciones más específicas. El objetivo fue resolver las dudas más recurrentes y fortalecer el vínculo entre investigadores y adolescentes, para que se sintieran apoyados y seguros al compartir temas sensibles con el grupo de investigación. La metodología utilizada por el grupo de investigación demostró ser eficaz para atender las demandas de salud de adolescentes y jóvenes. También fue posible incentivar a los adolescentes a asumir un papel más protagónico en sus proyectos de vida y a fortalecer su resiliencia para enfrentar las dificultades.

Palabras clave: adolescencia, enseñanza secundaria, promoción de la salud, educación para la salud, actividades educativas, diagnóstico situacional.



1 INTRODUÇÃO

A juventude representa um período de intensas transformações e uma significativa exigência social, familiar e emocional. A complexidade desta fase da vida, juntamente com os fatores impostos aos jovens, pode favorecer o surgimento de sintomas afetivos e emocionais. O surgimento desse tipo de sintoma é comum entre adolescentes e pode ser desencadeado pelo momento vivido, pressão no ambiente escolar, dificuldades econômicas, problemas de relacionamento e outros fatores associados (Lima *et al*, 2023). Para o enfrentamento de situações como estas, a ampliação do protagonismo e participação social dos adolescentes e jovens é um dos pilares fundamentais ao exercício progressivo dos direitos, tornando importante empoderar a voz dos mesmos para seu crescimento e autonomia (Braga & D'Oliveira, 2019). Atividades extracurriculares, como futebol, natação, vôlei e demais atividades esportivas e culturais possuem um efeito protetor e são associadas a um melhor desempenho escolar e cognitivo, além de atuar na autoestima e saúde mental (Ferreira, 2020).

A prevalência de quadros depressivos e de ansiedade tiveram expressivo aumento na população brasileira, indo de acordo com a tendência de aumento global e particularmente nos países de baixa renda (Frascareli & Thiago, 2020). Alguns estudos epidemiológicos demonstram uma correlação entre a desigualdade social e estes transtornos (Orellana, 2020). Os jovens ficam sujeitos à vulnerabilidade na qual são constantemente inseridos tendo em vista as desigualdades e iniquidades sociais. Desse modo, mais susceptíveis ao risco de violências, insegurança, exclusão social e falta de esperança, fatores os quais refletem diretamente no bem estar do indivíduo (Frascareli & Thiago, 2020). Apesar da alta taxa, apenas cerca da metade dos adolescentes diagnosticados possuem acesso aos tratamentos em países de baixa e média renda (Gómez-Restrepo *et al.*, 2023)

O estudo transversal de Frascareli (2020), realizado em território brasileiro, relatou uma taxa dos transtornos de ansiedade e depressão nas meninas maior do que a dos meninos, o que pode estar relacionado à maior pressão social que as mulheres sofrem desde cedo. Este mesmo estudo demonstrou maior prevalência na faixa etária dos 15 a 17 anos, fase na qual há uma carga maior de ansiedade devido à construção da própria identidade. Somado a isso, uma sociedade baseada em estratificação racial, como a realidade brasileira, tende a concentrar grupos de pessoas negras e pardas em um estrato econômico mais inferior, desfavorecendo-os e expondo-os a uma maior vulnerabilidade. Fattore *et al* (2018) em seu estudo, citou o racismo como um



estressor psicossocial, gerando estresse fisiológico e mental, afetando o indivíduo como um todo. Igualmente, uma sociedade heteronormativa, baseada na intolerância à identidade de gênero e diversidade sexual, constitui um crucial determinante social em saúde, especialmente aos jovens. Este desrespeito à diversidade pode refletir em evasão escolar, menores oportunidades, comportamentos suicidas e de automutilação (Silva, 2021).

De fato, comportamentos de risco entre jovens tendem a se sobreporem, o que sugere a existência de uma série de preditores subjacentes e, por conseguinte, de um conjunto de habilidades que podem minimizar riscos, construir resiliência e ampliar o alcance e impacto das ações (Romaní et al, 2010; Lima, Shall & Modena, 2014). Em nossos contextos sociais os e as adolescentes parecem habitar um espaço cronológico de incerteza, tanto para eles mesmos, quanto para o olhar dos adultos. São sujeitos sociais que evocam concomitantemente vulnerabilidades e construção de futuro, dependência e autonomia, riscos e expectativas. Provavelmente a adolescência seja em nossa sociedade a etapa da vida mais claramente ambígua, tanto para aqueles que a vivenciam, quanto para aqueles que tentam compreendê-la e lhe conferir sentido (Martínez-Hernández *et al*, 2018).

A vulnerabilidade juvenil pode ser observada não só em aspectos sociais, econômicos e psíquicos, mas também refletida na saúde física. Esta etapa é caracterizada por intensas transformações anatômicas e fisiológicas, em que os jovens costumam vivenciar as primeiras práticas sexuais. Dessa forma, caso realizadas sem informações de proteção e autocuidado, potencializadas pela falta de comunicação entre familiares e a presença de mitos e tabus na sociedade, podem gerar consequências para a vida toda (Almeida, 2017). Ficam sujeitos a situações de riscos passíveis de serem evitados, como infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência.

A escola é o principal local de promoção à saúde nas faixas etárias mais jovens, espaço importante para desenvolvimento de ações e abordagens educacionais integralizadas (Souza, 2021). O desenvolvimento da educação em saúde, como processo político pedagógico, estimula o pensamento crítico e reflexivo e a atenção psicossocial permite escuta atenta a esses jovens muitas vezes negligenciados e ignorados (Lima *et al*, 2020; 2023). Este aspecto é de grande relevância e centralidade no presente estudo. Trata-se de um projeto nomeado “Diálogo, Reflexão e Educação em Saúde com Alunos do Ensino Médio: um estudo acerca da situação de



saúde de adolescentes e jovens no município de Ouro Preto/MG“, desenvolvido em 4 escolas de Ensino Médio público de Ouro Preto, município no interior de Minas Gerais - MG.

O projeto teve como ponto de partida o diagnóstico da situação de saúde de adolescentes e jovens, realizado por meio de um levantamento de dados quantitativos utilizando o questionário Youth Risk Behavior Survey (YRBS). Este questionário avalia comportamentos que colocam a saúde dos adolescentes em risco, como uso de substâncias psicoativas, comportamento sexual, saúde mental, atividade física, dietas e violências (Schall *et al*, 2012). A aplicação deste questionário foi facilitada pela utilização de tablets equipados com os aplicativos KoboToolbox e Kobocollect. Esta ferramenta permite uma coleta de dados mais eficiente, de simples entendimento e prática. Foi projetada para ser usada em dispositivos móveis, como celulares e tablets, permitindo a criação de formulários digitais personalizados para a coleta de dados no campo (Lakshminarasimhappa, 2022).

Os objetivos deste projeto são contribuir para a formação de conhecimento e autonomia crítica dos adolescentes, visando a redução de vulnerabilidades, e fomentar o interesse na formação e desenvolvimento de projetos de vida em escolas do Ensino Médio da rede pública de Ouro Preto. Somado a isso, propiciar uma análise do perfil de saúde mental destes jovens matriculados.

2 METODOLOGIA

2.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um relato de experiência sobre oficinas educativas em saúde a partir do diagnóstico da situação de saúde realizado com base em um estudo transversal quantitativo seguido de uma abordagem qualitativa através da metodologia de entrevista em grupo focal.

2.2 POPULAÇÃO

Para a realização do diagnóstico em saúde foi feita uma amostragem estratificada aleatória de 368 adolescentes e jovens matriculados no Ensino Médio de quatro escolas públicas na cidade de Ouro Preto - MG, sendo elas: Escola Estadual Ouro Preto; Escola Estadual Pedro II, Escola Estadual Horácio Andrade e Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), Campus Ouro Preto. Para a etapa de intervenção no ano de 2023, foram realizadas oficinas educativas direcionadas para o público de estudantes matriculados na Escola Estadual Dom Pedro II e



Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto. A participação foi voluntária e teve expressiva adesão dos adolescentes e jovens que participaram da etapa de diagnóstico.

2.3 QUESTÕES ÉTICAS

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob parecer N° 33453120.5.0000.5150. Os pais ou responsáveis pelo adolescente autorizaram e assinaram, previamente à participação dos alunos, o Termo de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em seguida, os alunos assentiram, por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ou do TCLE.

2.4 OFICINAS

A partir da análise dos dados obtidos, foram propostas intervenções de saúde baseadas nas principais demandas identificadas. Na Escola Estadual Dom Pedro II, foram realizadas oito oficinas de educação em saúde voltadas para a reflexão e o diálogo sobre os seguintes temas: Abuso Sexual, Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Gravidez Precoce, Saúde Mental e Diversidade Sexual e de Gênero. No IFMG, optou-se por um evento em série, ao longo de uma semana, denominado "Semana da Promoção da Saúde – Proteger e Cuidar do Adolescente e do Jovem no IFMG Campus Ouro Preto". Este evento abordou os temas mencionados anteriormente, além de incluir a Prevenção ao Racismo. A adoção de formatos distintos para a realização das atividades educativas levou em consideração a disponibilidade de horários e estrutura curricular de cada instituição de ensino.

2.4.1 Abuso sexual

As atividades de intervenção e de promoção à saúde tiveram início com uma oficina que abordava a temática "Abuso sexual e outras formas de violência". Esta se iniciou com uma dinâmica "quebra-gelo", a qual era composta por quatro afirmativas que continham mitos sobre sexualidade, sendo essas "Existe uma idade certa para começar a vida sexual", "A primeira relação sexual não engravida", "Usar preservativo diminui o prazer" e "É impossível engravidar durante a menstruação" (Lima *et al.*, 2023). Para tal dinâmica, os alunos foram divididos em dois grupos e determinou-se o tempo de um minuto para os grupos discutirem e chegarem a um



consenso se a afirmativa em questão era verdadeira ou falsa. Após a resposta dos alunos, o grupo de pesquisadores mostrou a resposta correta e discutiu o porquê de cada afirmativa ser falsa, esclarecendo as dúvidas que surgiram ao longo do processo. Em sequência, pediu-se que os alunos dissessem a palavra que vinha à mente ao pensar em abuso.

Finalizado este primeiro contato com a turma, os pesquisadores adentraram especificamente nos temas da oficina, de forma a definir as violências sexual, psicológica e o cyberbullying, apresentando suas especificidades e explanando características das vítimas, como as mudanças no comportamento de padrão de isolamento, no apetite, seja perda ou compulsão, e no humor, que torna-se depressivo e ansioso, a fim de que eles as identificassem no meio em que vivem e também em situações vividas por eles próprios (COGO *et al.*, 2012) (Minayo, 2010; Ferreira *et al.*, 2012). Além disso, orientou-se sobre canais de denúncia, estratégias para proteção no caso do cyberbullying, tais como não publicar dados pessoais, usar contas privadas e bloquear usuários (UNICEF). Ademais, explicou-se acerca do atendimento em serviços de saúde em caso de estupro, esclarecendo onde procurar este tipo de serviço e qual o protocolo médico nestes casos (Prado, 2021). Ao final, deixou-se livre para esclarecimento de dúvidas, havendo a possibilidade de fazê-lo de forma anônima, por meio da escrita no papel disponibilizado durante a apresentação. Esta estratégia mostrou-se pertinente, possibilitando que fossem adotadas condutas individualizadas de acordo com as demandas apresentadas, dentre elas, a orientação sobre procedimentos a serem tomados em caso de abuso sexual e canais de denúncia no município. As atividades foram complementadas com a utilização de outras estratégias educativas, como o “Kit Semina” contendo modelos anatômicos para orientações sobre saúde sexual e reprodutiva (SEMINA EDUCATIVA) e a cartilha “Direitos Sexuais e Reprodutivos de Adolescentes” (Brasil, 2006).

2.4.2 Prevenção de ISTs e gravidez precoce

Para a oficina Saúde Sexual e Reprodutiva: Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Gravidez Precoce, utilizou-se slides para apresentação da temática, com intuito de usar um recurso tecnológico para maior adesão dos participantes, visto que a tecnologia faz parte do cotidiano dos adolescentes (Ferreira *et al.*, 2019 APUD Pinheiro *et al.*, 2023).

A dinâmica foi realizada na EE Dom Pedro II e foi dividida em cinco etapas. O conhecimento sobre o que o adolescente pensa sobre sexualidade e seus mitos pode contribuir



para a intervenção educativa (Rabin *et al*, 2014). Por isso, no primeiro e no segundo momento, além de fazer um “quebra gelo”, os pesquisadores buscaram entender a percepção dos participantes sobre a temática. Assim, no primeiro momento, o tema foi introduzido por meio de uma “Nuvem de Palavras”, sendo algumas delas “problema”, “doença”, “Sífilis”, “HIV”, “AIDS”, “Herpes”, “coisa ruim”. Dessa forma, os adolescentes foram questionados sobre o que eles conheciam sobre ISTs, além de ter sido feita uma conceituação do tema. Além disso, a abordagem por meio de atividades lúdicas pode despertar maior interesse e participação dos adolescentes (Pinheiro *et al*, 2023). Por isso, em um segundo momento, optou-se pela realização de uma atividade de “Mitos e Verdades”, na qual os participantes foram divididos em dois grupos, que receberam três afirmações cada, totalizando seis, sendo elas: “Todo indivíduo que é HIV positivo tem AIDS”, “Com o tratamento atual, é possível que uma pessoa fique com uma carga viral indetectável”, “As feridas da sífilis costumam doer quando aparecem”, “As feridas iniciais da sífilis podem desaparecer espontaneamente, o que significa que a pessoa está curada”, “As feridas da herpes genital não costumam causar dor ou qualquer desconforto” e “A vacina de HPV te protege contra todos os tipos de Papilomavírus Humano”. Os participantes tiveram cerca de 1 ou 2 minutos para discutirem entre si e chegarem em um consenso sobre a veracidade ou falsidade da afirmativa e, na sequência, cada uma das sentenças foi debatida com todos os participantes, apresentando um pouco mais sobre infecções como HIV/AIDS, Sífilis, Herpes e Papilomavírus. A terceira etapa teve como foco a abordagem do tema gravidez precoce e, para isso, utilizou-se o Kit Semina Educativa. O quarto momento contou com uma apresentação mais expositiva com foco na prevenção das ISTs, mas, de modo especial, foi dada ênfase sobre a Prevenção Combinada (Ministério da Saúde, 2023), abordando, além do uso de preservativo, a importância da vacinação, testagem para ISTs, Profilaxia Pré e Pós-Exposição, dentre outros. Por fim, houve a abertura para perguntas sobre o tema.

2.4.3 Saúde mental

Para o planejamento das oficinas de saúde mental, foram elaboradas apresentações de slides com foco nos temas ansiedade, depressão e cuidados com saúde mental. De forma geral, a oficina foi conduzida objetivando introduzir os assuntos com os conhecimentos prévios dos jovens a partir de perguntas abertas. Posteriormente, explorou-se o tema com o arcabouço teórico proposto. Cada apresentação durou em média uma hora.



Com o objetivo de facilitar a interação inicial, foi utilizada uma dinâmica de “quebra-gelo”, em que cada participante foi convidado a proferir seu nome em voz alta, seguido da resposta à seguinte sentença: “Eu me sinto bem quando...”.

Logo após, questionou-se o conceito de saúde mental para os alunos, abrindo espaço para discussão, que foi encerrada com uma síntese da chuva de ideias propostas pelos participantes associada à apresentação do conceito da OMS (Brasil, 2013).

Com relação à ansiedade, foram abordados seus aspectos fisiológicos e patológicos; a epidemiologia, com destaque para a elevada prevalência no Brasil (Costa, 2019), bem como o impacto da pandemia e das redes sociais na saúde mental, ressaltando o elevado tempo de tela entre os jovens. Na temática da depressão, foram abordados os principais sinais e sintomas, no formato de nuvem de palavras; a epidemiologia, destacando o impacto no sistema de saúde; a etiologia multifatorial da doença e a diferenciação com relação ao conceito de luto. Buscou-se também desconstruir mitos arraigados na sociedade a respeito dos transtornos depressivos, como a simplificação do seu conceito à uma simples tristeza, falta de fé ou falta de vontade. A inclusão de uma abordagem bioquímica, relacionada aos neurotransmissores e à atuação dos medicamentos, assim como foi observado na temática da ansiedade, despertou a atenção dos jovens.

O encerramento das oficinas centrou-se nos cuidados com a saúde mental, destacando a importância das redes de apoio e do comportamento empático diante de indivíduos que enfrentam desafios relacionados à sua saúde mental. Em um momento participativo, os jovens foram questionados sobre as ações individuais que adotam para promover o bem-estar psíquico. Em seguida, foram discutidas outras práticas cotidianas que podem contribuir para os cuidados em saúde mental, tais como praticar atividades físicas, leitura, sair com os amigos, passear com o cachorro, dentre outros. Essa abordagem proporcionou uma conclusão interativa e reflexiva, incentivando os participantes a considerarem ativamente estratégias para fortalecer sua própria saúde mental.

Após a primeira oficina, com o intuito de intensificar a interação com os estudantes, foram incorporadas novas estratégias à apresentação, como a inclusão de mais perguntas seguindo o formato "verdadeiro ou falso" e a inserção de curtas-metragens animados para suscitar reflexões de maneira dinâmica sobre o tema abordado. A disposição espacial dos alunos nas carteiras em círculos também pareceu ser mais efetiva, quando comparada à organização em pequenos grupos.



Essas medidas revelaram-se eficazes para alcançar o objetivo de manter a atenção e o interesse dos alunos durante a exposição.

2.4.4 Enfrentamento ao racismo

Como mencionado anteriormente, no IFMG, optou-se por um evento em série, ao longo de uma semana, denominado "Semana da Promoção da Saúde – Proteger e Cuidar do Adolescente e do Jovem no IFMG Campus Ouro Preto" e o tema: "Prevenção ao Racismo" foi adicionado para ser discutido no formato de roda de conversa.

Dessa forma, foi proposto que os alunos se sentassem em roda e a dinâmica se deu, primeiramente, através da exibição do curta-metragem: "Dois Estranhos" (2021), dirigido por Travon Free e Martin Desmond Roe que tem como enredo a vida do cartunista Carter James (Joey Badass) que está tentando voltar para casa para encontrar seu cachorro depois de um primeiro encontro amoroso, porém acaba sendo vítima de um policial racista e é baleado. No entanto, ele acaba revivendo esse dia inúmeras vezes, de forma que não importa o que ele faça, ele sempre é assassinado ao fim do dia.

Após a exibição do curta, iniciou-se a roda de conversa e os alunos compartilharam sobre suas experiências com casos de racismo na escola e fora dela, como a instituição lidou com isso, que tipo de apoio eles receberam, de forma que os alunos foram se complementando e construindo a discussão. Nesse momento, os jovens foram convidados a compartilhar suas próprias experiências pessoais relacionadas ao racismo vivenciadas dentro do ambiente escolar. Essa abordagem permitiu que as vozes dos estudantes fossem ouvidas, criando um espaço seguro para expressarem suas histórias e perspectivas. Como sugestão para o enfrentamento ao racismo na instituição foi proposto a criação de um canal de apoio a denúncias e casos de racismo ou qualquer outro tipo de preconceito.

Durante a roda de conversa, os alunos discutiram sobre como a escola reagiu diante dos casos de racismo que testemunharam ou vivenciaram. Desafios enfrentados no combate à discriminação racial foram compartilhados. Em um dado momento, um dos estudantes sugeriu que fosse reproduzida a canção "A Carne" composta por Elza Soares e todos assistiram ao clipe da música enquanto refletiam sobre a letra e os estudantes puderam ver a arte como forma de enfrentamento ao racismo



Seguindo essa linha, ao final da roda, foram entregues papéis em branco para que os alunos escrevessem ideias de temáticas mais específicas para realização de podcasts a serem realizados nas próximas etapas do projeto, ao mesmo tempo em que também foram elencados possíveis alunos para participarem do podcast.

2.4.5 Diversidade sexual e gênero

A temática sobre a diversidade sexual e de gênero mostrou-se como um assunto que gera muitas dúvidas dos alunos sobre conceitos fundamentais e frases do senso comum, com dificuldade de discernimento sobre o significado de algumas palavras. Baseado nisso, foi criada uma oficina para integrar e debater sobre o tema nas escolas, com o intuito de promover uma dinâmica ativa com a participação dos adolescentes.

Em um primeiro momento, foi questionado aos estudantes o que eles pensavam quando ouviam “diversidade sexual e de gênero”, devendo cada um responder por meio de uma frase ou uma palavra sobre o que vinha em mente quando escutava esse termo. Nesse contexto, palavras como “LGBT” ou “homem e mulher” apareceram com maior frequência, revelando um pouco sobre o que eles entendiam e imaginavam sobre o assunto.

Dando continuidade à oficina, em um segundo momento foi iniciada a dinâmica “mito ou verdade”, na qual os pesquisadores apresentaram 10 frases ouvidas com frequência no senso comum, e os alunos deveriam responder se achavam que ela era verdadeira ou falsa baseado em seus conhecimentos prévios. No final dessa dinâmica houve um tempo para esclarecimento de algumas dúvidas apresentadas pelos estudantes, com o intuito de dar continuidade à oficina sem ficar algo não entendido pelos alunos.

Em um terceiro momento, foi realizada uma atividade que nomeamos “revisando conceitos”, com a finalidade de retomar os conceitos e ideias principais apresentadas até o momento e fixar de melhor modo esses termos aos estudantes. A finalidade desta parte foi trazer 4 palavras chaves que resumissem o debate sobre diversidade sexual e de gênero e aprofundá-las. Essas palavras chaves foram “sexo, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero”. Esse momento foi enriquecedor, pois deu a oportunidade de os estudantes demonstrarem o que haviam aprendido até o momento e se havia ficado alguma dúvida.

Por fim, assim como nas outras oficinas, foi perguntado aos alunos o que eles acharam da dinâmica e se havia alguma palavra que eles poderiam falar para definir todas essas atividades.



As palavras “informativo, aprendizado, novidade e educativo” foram as que se apresentaram com a maior frequência, e deram um feedback geral positivo, afirmando que gostaram da oficina e das dinâmicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após os alunos terem preenchido os questionários YRBS, algumas questões de saúde foram identificadas e, a partir daí, intervenções no formato de oficinas educativas foram propostas e realizadas no próprio ambiente escolar, tendo em vista que a escola, por ser o local onde os jovens passam grande parte do dia, ser um *locus* privilegiado para esse tipo de abordagem (PENSE, 2019). Durante as atividades, observou-se a participação ativa dos alunos, evidenciando a importância dos temas abordados. As discussões permitiram a identificação de necessidades específicas, possibilitando intervenções mais direcionadas.

As primeiras atividades realizadas foram voltadas para o tema “Abuso sexual e outras formas de violência”, nas quais os pesquisadores puderam perceber diferença no nível de conhecimento sobre assunto por parte dos alunos, principalmente durante a oficina “quebra-gelo” propiciando um momento de reflexão, discussão e transmissão de informações qualificadas.

Na mesma vertente, o tema “Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Gravidez Precoce” também foi abordado. São temas extremamente relevantes, visto que a sociedade em que vivemos ainda é marcada por padrões sexistas, na qual indivíduos do sexo biológico masculino são incentivados a começar a vida sexual cedo, enquanto as do sexo biológico feminino são incentivadas a reprimir seus desejos sexuais (Leal *et al.*, 2021). Apesar de o debate sobre a sexualidade ainda ser dotado de dificuldades e receios, de fato, a escola deve ser um espaço de aprendizagens e descobertas (Nogueira & Santos, 2021 APUD De Lima *et al.*, 2023). Nesse sentido, é de fundamental importância a discussão sobre sexualidade, afetividade, saúde sexual e reprodutiva na adolescência, especialmente para redução de Infecções Sexualmente Transmissíveis e Gravidez não planejada (Marinho Campello, 2023). Ademais, a educação sexual é relevante para se conhecer não apenas sobre sexualidade e planejamento familiar, mas também para abordar relacionamentos, saúde psicossocial, igualdade de gênero e liberdade de escolha (De Lima *et al.*, 2023).

Em relação à “Saúde mental”, esse tema mostrou-se muito relevante no cotidiano dos jovens, com muitos relatos de sentimentos duradouros de tristeza, desesperança e anedonia, além



da ocorrência de pensamentos de autoextermínio. Esses dados são corroborados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual revelou que o suicídio é a terceira principal causa de morte entre os adolescentes de 15 a 19 anos, reforçando a importância de intervenções em saúde que trabalhem esse tema (WHO, 2019). Estudos têm estabelecido uma conexão entre transtornos mentais e condições de vida mais desfavoráveis (Frascareli & Thiago, 2020). Jovens violentados verbalmente, sexualmente ou fisicamente, apresentam um perfil comportamental singular, além de maior predisposição ao uso de álcool e outras drogas (Fontes *et al.*, 2017). Nesse contexto, é necessário o conhecimento acerca das consequências da violência infanto-juvenil e o reconhecimento de características comuns às vítimas.

Ademais, a recorrência dessa temática nos grupos de discussão revelou a familiaridade dos jovens com as ideias de ansiedade e depressão, evidenciando serem condições comuns em seu meio. O uso abusivo de medicamentos, o alto tempo de tela, dentre outros problemas relacionados ao sofrimento psíquico foram destacados na discussão, o que pode ter ganhado maior impacto durante e após a pandemia de COVID-19. Durante esse período, os adolescentes foram privados de experiências sociais essenciais para o seu desenvolvimento, certamente contribuindo para diminuição da atividade física, alimentação balanceada oferecida pela escola e o aumento do consumo de alimentos industrializados e de bebidas alcoólicas (PENSE, 2019).

Ainda sobre a abordagem da saúde mental, durante a dinâmica que tratava sobre ansiedade, foi observada maior atenção por parte dos alunos em dois momentos principais: quando foram expostas figuras públicas jovens conhecidas para questionar o padrão de vida e estética idealizado nas redes sociais, e quando foi descrito o papel do sistema dopaminérgico no mecanismo do uso problemático do celular (Macit *et al.*, 2018). Isso demonstra que não só referências já inseridas no cotidiano desse público, mas também assuntos técnico-científicos são capazes de despertar interesse pela discussão. Em contrapartida, o comportamento relativamente disperso do grupo frente à apresentação excessiva de dados mostra que, a despeito da importância da epidemiologia para a sensibilização acerca de determinado assunto, parece ser mais efetivo abordá-la de forma a valorizar mais atividades lúdicas e interativas (Miraveti *et al.*, 2023).

O debate sobre racismo e questões raciais é extremamente necessário nas cidades brasileiras. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 70% dos moradores de Ouro Preto se declaram pretos ou pardos (IBGE, 2023). Apesar de maioria preta ou parda, ficou claro que vários alunos já sofreram algum tipo de discriminação pela cor da sua pele. A



dinâmica utilizada para tratar sobre o racismo, na qual os alunos expuseram os desafios que já enfrentaram para combate à discriminação social e o posicionamento da escola frente aos casos de racismo, gerou reflexões valiosas sobre como as instituições educacionais podem aprimorar suas abordagens para enfrentar o racismo sistêmico, promovendo um ambiente mais inclusivo e equitativo. Nesse diálogo, os alunos se complementaram, enriquecendo a discussão com uma variedade de perspectivas e experiências. Algumas histórias serviram como exemplos inspiradores de superação, enquanto outras destacaram a persistência de desafios do racismo estrutural que ainda precisam ser enfrentados. Esse intercâmbio de vivências não apenas fortaleceu o entendimento coletivo sobre a questão, mas também criou uma base para a construção de estratégias eficazes de combate ao racismo no contexto escolar, como a união dos alunos frente a esse tipo de caso a fim de amplificar suas vozes.

Algumas frases destacadas durante a dinâmica e que incentivam o combate sistemático ao racismo foram: “Nossos direitos humanos devem ser iguais, o racismo não mudará isso”. “Por que quem sofre com esse tema não tem voz? E como fazê-los ter voz?” “A luta não é sobre brancos contra negros e sim pessoas contra o racismo”. “A igualdade é a meta, o respeito é o caminho. Vamos caminhar juntos rumo a um mundo sem racismo”. “A verdadeira grandeza está em reconhecer e valorizar a diversidade. Juntos podemos vencer o racismo”. “Enquanto a morte de alguém negro for estatística, a luta não acabou”. Outrossim, uma ideia que surgiu para o enfrentamento do racismo no IFMG foi a criação de um canal de apoio a denúncias e casos de racismo ou qualquer outro tipo de preconceito.

Por fim, na dinâmica “mito ou verdade” sobre o tema “Diversidade sexual e de gênero”, algumas frases foram facilmente identificadas como verdadeiras ou falsas pelos estudantes, contudo, algumas geraram bastante discussão, ganhando destaque. Primeiramente, a frase “identidade de gênero e expressão de gênero são sinônimas” ocasionou bastante debate, revelando certa dificuldade dos adolescentes em interpretar qual o conceito de gênero e suas formas de manifestar na sociedade. Os pesquisadores explicitaram que o sexo é biológico, ou seja, diz respeito à anatomia dos seus corpos, às características biológicas que a pessoa tem ao nascer, enquanto gênero é algo socialmente dado, uma construção cultural ou seja, trata-se de uma criação inteiramente social de ideias sobre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres (Scott, 1995).



A identidade de gênero, por sua vez, é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente do sexo biológico (Reis, 2018), ou seja, é o gênero no qual o sujeito se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando criança, e que é diferente de orientação sexual. Uma pessoa transexual, por exemplo, pode ser heterossexual, lésbica, gay, bissexual ou pansexual (Jesus, 2021). A orientação sexual refere-se, portanto, à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas (Reis, 2018). Já a expressão de gênero é como a pessoa se comporta e se mostra fisicamente de acordo com as expectativas culturais geradas para aquele gênero (Jesus, 2021).

Ademais, outra frase que gerou debate foi a afirmação “relações sexuais entre homossexuais não necessitam de preservativos”, indicando um reflexo de como a sociedade enxerga os preservativos como forma de evitar a gravidez, e não como forma de prevenir a transmissão de ISTs. Estudos mostram que apesar de jovens adultos corresponderem a $\frac{1}{4}$ de toda população sexual ativa, eles representam 50% dos registros de novas infecções por ISTs (Skaletz *et al*, 2020). Esses dados reforçam a importância da educação sexual dentro do ambiente escolar e maior acesso aos serviços de saúde (Spindola *et al*, 2023). Em outra parte da dinâmica chamada “diferenciando conceitos”, os alunos demonstraram dificuldade em diferenciar os conceitos “bissexualidade e pansexualidade”. De maneira lúdica, a equipe de pesquisadores tentou enfatizar que o bissexual sente atração afetivo-sexual por pessoas de ambos os gêneros (Jesus, 2021), enquanto o pansexual, cujo prefixo “pan” pode ser traduzido por “tudo”, significa que pode desenvolver atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas, independentemente de sua identidade de gênero ou sexo biológico (Reis, 2018; Pires & De Moura, 2023).



4 AVALIAÇÃO

No que tange à efetividade das oficinas, houve uma participação concisa e recíproca entre alunos e pesquisadores, o que contribuiu para a formação de um diálogo horizontal acerca das vivências relacionadas aos temas abordados. Os temas foram percorridos a partir das experiências cotidianas dos alunos, junto a uma base científica que desmistificou, retificou e/ou corrigiu informações.

Na EE Dom Pedro II as opiniões dos participantes foram registradas na escolha de uma palavra que do ponto de vista deles definiria o que representou a atividade. As palavras por eles proferidas foram: segurança, importante, muito informativo, útil, legal, aprendizado, conscientização, esclarecimento, legal, responsabilidade, preventivo, muito bom, engraçado, excelente, abraçante, top demais, interessante.

As oficinas conduzidas no IFMG Campus Ouro Preto empregaram o Net Promoter Score (NPS) como ferramenta de avaliação. Esta metodologia baseou-se na seguinte indagação, apresentada ao término de cada roda de conversa: "Qual a probabilidade de você recomendar esta oficina a um amigo ou colega?". Os participantes foram convidados a atribuir, de forma anônima, uma pontuação de 0 a 10, em que 0 indicava uma recomendação muito improvável e 10 representava uma recomendação extremamente provável. O cálculo do NPS baseia-se na subtração entre a porcentagem de promotores (participantes que atribuíram pontuação 9 ou 10) e a porcentagem de detratores (participantes que atribuíram pontuação menor que 6) (Lucero, 2022). Os participantes que atribuíram pontuação 6 a 8 são denominados passivos e não são incluídos no cálculo. Os resultados deste cálculo podem variar de -100 a 100.

O resultado compilado das oficinas encontra-se na tabela abaixo:

Tabela 1 - Avaliação das Oficinas IFMG

Classificação NPS	Frequência de avaliações	Porcentagem
Promotores	41	78,8%
Detratores	1	1,9%
Passivos	10	19,2%
TOTAL:	52	-

Fonte: elaborada pelos autores.

A partir destes dados, foi possível calcular o NPS:

O (NPS) pode ser categorizado em: (i) zona crítica (-100 a 0), (ii) zona de melhoria (1 a 50), (iii) zona de qualidade (51 a 75), e (iv) zona de excelência (76 a 100) (Pinto, 2023). Apesar



das limitações do método, a pontuação de 76,9% atribuída às oficinas sugere um impacto positivo do trabalho para os participantes, respaldado pelo engajamento demonstrado durante as atividades.

5 CONCLUSÕES

A realização do diagnóstico da situação de saúde aliado à realização de oficinas e eventos temáticos, mostrou-se eficaz na abordagem das demandas de saúde dos adolescentes e jovens. A experiência na EE Dom Pedro II e no IFMG contribuiu para a construção de um ambiente educativo mais saudável e consciente e despertou discussões valiosas entre alunos e pesquisadores.

Através de atividades interativas e discussões abertas, os participantes puderam identificar riscos e vulnerabilidades associados às próprias vivências e explorar maneiras de prevenção e promoção da saúde. As atividades permitiram não somente a transmissão de informações, mas também a construção de um ambiente de aprendizado colaborativo, onde todos contribuíram para o conhecimento mútuo.

Ao adotar uma abordagem participativa e inclusiva, os adolescentes não apenas absorveram conhecimento, mas também se tornaram agentes ativos na disseminação de informações sobre saúde entre os colegas. Com isso, considera-se positivo o resultado obtido, visto que pôde-se instigar maior protagonismo dos adolescentes frente aos seus projetos de vida e maior fortalecimento e resiliência para enfrentamento das dificuldades.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto René Rachou - Fiocruz Minas e à Universitat Rovira i Virgili pela oportunidade de desenvolvimento do Projeto: “Diálogo, Reflexão e Educação em Saúde com Alunos do Ensino Médio: um estudo acerca da situação de saúde de adolescentes e jovens no município de Ouro Preto/MG”. Este artigo é produto da realização do Pós-doutorado em Saúde Coletiva da Prof^a Dr^a Eloisa Helena de Lima junto a estas instituições. Agradecemos à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto pelo apoio na participação de alunos bolsistas e voluntários na equipe do projeto. Agradecemos o apoio das instituições de ensino: Escola Estadual Ouro Preto, Escola Estadual Pedro II, Escola Estadual Horácio Andrade, ao Instituto Federal de Minas Gerais / Campus Ouro Preto, aos jovens participantes, professores, supervisores, acadêmicos e a todas as pessoas que colaboraram para a realização do projeto.



REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, p. 1033-1039, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/30112>
2. BRAGA, Claudia Pellegrini; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas. Políticas públicas na atenção à saúde mental de crianças e adolescentes: percurso histórico e caminhos de participação. **Ciência & saúde coletiva**, v. 24, p. 401-410, 2019. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/politicas-publicas-na-atencao-a-saude-mental-de-criancas-e-adolescentes-percurso-historico-e-caminhos-de-participacao/16060?id=16060>
3. BRASIL, Constituição. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas e estratégicas. **Direitos Sexuais e Reprodutivos**. Série Direitos Sexuais e Reprodutivos, caderno nº 1. Brasília, 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_reprodutivos.pdf.
4. COGO, K. S.; ANTUNES DE OLIVEIRA, L.; CIELO MAHL, Álvaro; AUGUSTIN HOCH, V.; BATTISTI, P. Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Unesco & Ciência - ACHS**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 130–139, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unesco.edu.br/achs/article/view/667>
5. COSTA, Camilla Oleiro da et al. Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, p. 92-100, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1019987>
6. DE LIMA, E. H., CABRAL, G. F. C., ROCHA, D. F. A., SILVA, P. de A., FIGUEIREDO, T. M., MACHADO, I. E., ARAGÃO, C. M. C., SILVA, I. A. (2023). Diálogos, reflexão e educação em saúde: um relato de experiência . **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, 16(2), 592–610. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/380>
7. DE LIMA, E. H. , CAMPOS, A.F.S., SILVA, C.R.D., CUNHA, C.T. SILVA, G.G. , SANTOS, IG, et al. Repensando a abordagem da sexualidade com adolescentes no ambiente escolar: a necessidade de uma visão mais ampla da educação em saúde sexual e reprodutiva. **Revista Tecer** , Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas-izabela/index.php/tec/article/view/2211>
8. DE LIMA, E. H. , SHALL, V. T. , MODENA, C. M. La representación de la droga en jóvenes que cumplen medidas legales: aportaciones de una investigación desarrollada en Brasil. In: ROMANÍ, O & CASADÓ, L. **Jóvenes, desigualdades y salud. Vulnerabilidad y políticas públicas**. Publicaciones URV, Tarragona, 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40246>
9. FATTORE, Gisel Lorena et al. Personal-level and group-level discrimination and mental health: The role of skin color. **Journal of racial and ethnic health disparities**, v. 5, p. 1033-1041, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29270840/>



10. FERREIRA, Vanessa Roriz et al. Physical inactivity during leisure and school time is associated with the presence of common mental disorders in adolescence. **Revista de saúde pública**, v. 54, p. 128, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/gim/resource/fr/biblio-1145049#:~:text=The%20prevalence%20of%20common%20mental,%25CI%201.15%2D1.36>
11. FERREIRA, C. F., & OLIVEIRA, M. Z. (2012). Bullying escolar: um olhar sobre os estudantes brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 9, n. 19, p. 140-158, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12771>
12. FONTES, Luiz Felipe Campos; CONCEIÇÃO, Otavio Canozzi; MACHADO, Sthefano. Violência sexual na adolescência, perfil da vítima e impactos sobre a saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2919-2928, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-890443>
13. FRASCARELI BENTO, Thiago Paulo et al. Low back pain in adolescents and association with sociodemographic factors, electronic devices, physical activity and mental health. **JORNAL DE PEDIATRIA**, v. 96, n. 6, p. 717-724, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31580844/>
14. FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Cyberbullying: O que é e como pará-lo**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo>. Acesso em: 27 de jan. 2024.
15. GÓMEZ-RESTREPO, Carlos et al. Effectiveness of a Patient-Centered Assessment With a Solution-Focused Approach (DIALOG-A) in the Routine Care of Colombian Adolescents With Depression and Anxiety: Protocol for a Multicenter Cluster Randomized Controlled Trial. **JMIR Research Protocols**, v. 12, n. 1, p. e43401, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36753329/>
16. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e estados do Brasil**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ouro-preto/panorama>
17. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019 (PeNSE)**. 2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/ad542e8a6ea81cd154e61fc7edf39d00.pdf. Acesso em: 18/01/2024.
18. JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. 2021. Disponível em: <https://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>



19. LAKSHMINARASIMHAPPA, M. C. Web-based and smart mobile app for data collection: Kobo Toolbox/Kobo collect. **Journal of Indian Library Association**, v. 57, n. 2, p. 72-79, 2022. Disponível em: <https://www.ilaindia.net/jila/index.php/jila/article/view/596>
20. LEAL, Álida et al. Juventudes, sexualidade e diversidades. **Juventude Brasileira e Educação**. 2021. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-sexualidade-e-diversidades.pdf>
21. LUCERO, Katie Stringer. Net Promoter Score (NPS): What Does Net Promoter Score Offer in the Evaluation of Continuing Medical Education?. **Journal of European CME**, v. 11, n. 1, p. 2152941, 2022. Disponível em: [https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9718547/#:~:text=Overall%2C%20NPS%20\(t he%20score%20generated,compelling%20action%20in%20its%20learners.](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9718547/#:~:text=Overall%2C%20NPS%20(t he%20score%20generated,compelling%20action%20in%20its%20learners.)
22. MACİT, Hüseyin Bilal; MACİT, Gamze; GÜNGÖR, Orhan. A research on social media addiction and dopamine driven feedback. **Mehmet Akif Ersoy Üniversitesi İktisadi ve İdari Bilimler Fakültesi Dergisi**, v. 5, n. 3, p. 882-897, 2018. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/tr/download/article-file/607734>
23. MARINHO CAMPELO, C. Conversa para além dos muros sobre HIV/AIDS. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 4, n. 1, 2023. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v4i1.7898. Disponível em: <https://revista.ufrj.br/repi/article/view/7898> . Acesso em: 11 jan. 2024.
24. MARTÍNEZ-HERNAEZ, A. BRIGNONI, S. PÁMPOLS, C.F. ROMANÍ, O. Malestares y Subjetividades Adolescentes: Una Aproximación Desde La Salud Mental Colectiva. **Editorial UOC**, Barcelona, 2018.
25. MINAYO, M. C. de S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**, p. 117-140, 2005. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf.
26. Ministério da Saúde. Prevenção Combinada. **Departamento de HIV/AIDS, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis**. 2023. Disponível em: [https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada#:~:text=A%20Preven%C3%A7%C3%A3o%20Combinada%20associa%20diferentes,de%20vida%20de%20cada%20pessoa.>](https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada#:~:text=A%20Preven%C3%A7%C3%A3o%20Combinada%20associa%20diferentes,de%20vida%20de%20cada%20pessoa.)
27. CARRIELLO, G. M. et al. Atividades lúdicas no Ensino Médio: uma revisão na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. **Cadernos UniFOA, Volta Redonda**, v. 18, n. 52, 2023. DOI: 10.47385/cadunifoa.v18.n52.4439. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/4439>. Acesso em: 19 jan. 2024.
28. ORELLANA, Jesem Douglas Yamall et al. Transtornos mentais em adolescentes, jovens e adultos do Consórcio de Coortes de Nascimento brasileiras RPS (Ribeirão Preto, Pelotas e São Luís). **Cadernos de saúde pública**, v. 36, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2020.v36n2/e00154319/pt/>.



29. PINHEIRO, Leticia Moraes Leite et al. METODOLOGIAS EDUCACIONAIS UTILIZADAS PARA O ENSINO DE GÊNERO E SEXUALIDADE AOS ADOLESCENTES. **EXTRAMUROS-Revista de Extensão da UNIVASF**, v. 11, n. 1, p. 60-72, 2023. Disponível em: <<https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/1326/1385>>.

30. PINTO, Luiz Felipe et al. Net Promoter Score (NPS) in the primary health care services in Brazil. **Population Medicine**, v. 5, n. Supplement, 2023. Disponível em: <<https://www.populationmedicine.eu/Net-Promoter-Score-NPS-in-the-primary-health-care-services-in-Brazil,165397,0,2.html>>.

31. PIRES, Ezequiel Nunes; DE MOURA, Bruna Navarrina. LGBTQIAPF2K+ entre a transparência e a opacidade: as restritivas na determinação das identidades. **Revista Letras**, v. 105, n. 1, 2023.

32. PRADO, Lígia D'arc Silva Rocha. Protocolo de assistência às mulheres vítimas de violência. **eduCAPES**. 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/703745/2/Protocolo%20de%20viol%C3%Aancia%20contra%20mulher.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

33. RABIN Eliane Goldberg, et al. Falando sobre sexualidade na adolescência: relato de experiência. **Revista brasileira de extensão universitária**, v. 5, n. 1, p. 7-11, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/895/pdf_1>.

34. REIS, T. Manual de Comunicação LGBTTI+. Aliança Nacional LGBTI/Gay Latino. 2ª edição. Curitiba, 2018.

35. ROMANÍ, O. Jóvenes Y Riesgos: unas Relaciones Ineludibles. **Jóvenes Y Riesgos**, p. 9-204, 2010.

36. **ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**. Plan de acción integral sobre salud mental 2013-2030 [Internet]. Genebra: OMS; 2013 [consultado em 13 de janeiro de 2024]. Disponível em: https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA66/A66_10Rev1-sp.pdf.

37. SEMINA EDUCATIVA. KIT 3 - Saúde sexual e reprodutiva Disponível em: <<https://seminaeducativa.com.br/produto/saude-sexual-reprodutiva-kit/>>. Acesso em: 27/01/2024.

38. SCHALL, V. T. et al. Youth Risk Behaviour Survey: Validação do Instrumento para Análise Anual de Comportamento de Risco entre Adolescentes Brasileiros. **Relatório Final YRBS**. FIOCRUZ-MG. 2012.

39. SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre. Vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

40. SILVA, José Carlos Pacheco da et al. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2643-2652, 2021.



41. SKALETZ-ROROWSKI A. et al. Age specific evaluation of sexual behavior, STI knowledge and infection among asymptomatic adolescents and young adults. **Journal of Infection and Public Health**, v. 13, n. 8, p. 1112-1117, 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1876034120304408>>.
 42. SOUZA, Thaís Thaler et al. Promoção em saúde mental de adolescentes em países da América Latina: uma revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2575-2586, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2021.v26n7/2575-2586/>>.
 43. SPINDOLA, Thelma et al. Conhecimento e práticas de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis entre homens jovens universitários. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 13, p. e56, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/84817>>. Acesso em: 19 jan. 2024.
 44. **WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO)**. Suicide in the world: global health estimates. World Health Organization. 2019. Disponível em: <<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/326948/WHO-MSD-MER-19.3-eng.pdf>>.
-

